

IDENTIDADE E MEMÓRIA: A REPRESENTAÇÃO DA COMIDA EM CONTOS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

IDENTITY AND MEMORY: THE REPRESENTATION OF FOOD IN CONTEMPORARY BRAZILIAN SHORT STORIES

Ana Kaline do Nascimento¹

Luiz Eduardo da Silva Andrade²

Resumo: Este artigo tem como propósito estabelecer as relações existentes entre comida e literatura. O intuito é transportar ao leitor a percepção de que o alimento pode representar identidade cultural, o estímulo voluntário e involuntário da memória, por meio do cheiro e do paladar que a comida nos emite. A presente análise realiza-se por meio da leitura de contos da década de 1960 e 1970 inseridos na coletânea, de Ítalo Moriconi, *Os cem melhores contos brasileiros do século*. A investigação parte também da contribuição de autores os quais exploraram essa temática, entre os quais se destacam, Rafael Climent-Espino, Sabrina Sedlmayer e Brillat-Savarin. Rafael Climent-Espino discorre sobre a representação do alimento como identidade social, e de que forma a comida constrói um mecanismo de comunidade entre os indivíduos; Sabrina Sedlmayer traz aspectos que externalizam a memória relacionando-a com comida, Brillat-Savarin traz contribuições de como a comida nos identifica socialmente. Os contos a serem analisados são “A morte de D.J. em Paris”, de Roberto Drummond, “A estrutura da bolha de sabão”, de Lygia Fagundes Telles, e “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector. Resulta-se desse estudo a compreensão de que a comida tem o poder de construir nossa identidade dentro de determinadas esferas sociais.

Palavras-chave: Comida. Identidade. Memória. Século XX. Literatura brasileira.

Abstract: The purpose of this article is to establish the relationship between food and literature in order to give the reader the perception that food can represent cultural identity and the voluntary and involuntary stimulation of memory through the smell and taste that food gives off. This analysis is carried out by reading short stories from the 1960s and 1970s included in Ítalo Moriconi's collection, *The hundred best brazilian short stories of the century*. The research also draws on the contributions of authors who have explored this theme, including Câmara Cascudo, Rafael Climent-Espino and Sabrina Sedlmayer. Câmara Cascudo brings contributions related to the experiences that take place in the kitchen environment; Rafael Climent-Espino discusses the representation of food as a social identity, and how food builds a community mechanism between individuals; Sabrina Sedlmayer brings aspects that externalize memory by relating it to food. The short stories to be analyzed are "The Death of D.J. in Paris" by Roberto Drummond, "The Structure of the Soap Bubble" by Lygia Fagundes Telles and "Happy Birthday" by Clarice Lispector. The result of this study is the understanding that food has the power to construct our identity within certain social spheres.

Keywords: Food. Identity. Memory. 20th century. Brazilian literature

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português, *campus* Caraúbas, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: ana.nascimento50503@alunos.ufersa.edu.br

² Professor adjunto na Ufersa, tem doutorado em estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente coordena o projeto de iniciação científica intitulado “Representações dos alimentos na literatura”. E-mail: luiz.eduardo@ufersa.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre diversos campos investigativos que a literatura pode alcançar e trazer como discussão. Mas de que maneira literatura e alimentação podem ser duas vertentes que se cruzam na análise literária? Da obra *Os cem melhores contos brasileiros do século* (2001), organizada por Ítalo Moriconi, serão selecionados três contos para embasar as discussões inseridas neste estudo. Será realizado o estudo analítico dos contos: “A morte de D.J. em Paris”, de Roberto Drummond, “A estrutura da bolha de sabão”, de Lygia Fagundes Telles e “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector. Torna-se objetivo deste trabalho ressaltar as relações estabelecidas entre a literatura e a comida, evidenciando aspectos como identidade cultural e memória entre determinados grupos familiares e contextos de interação social, presentes em contos do século XX. Sobre a construção do fator identitário, salienta-se:

É destacada a formação e a valorização dos pratos e hábitos alimentares de uma nação como ato de independência, autonomia e nacionalismo, mostra-se o papel importante da alimentação para a caracterização de um povo e, sobretudo, dos próprios indivíduos. Considerando que comer o que é tradicional representa um ato de resistência às influências de culturas exteriores e uma reafirmação do valor nacional, haverá certeza de que um povo que defende os seus pratos nacionais, defende o território (Kaspar, 2016, p. 3).

Mediante as palavras da autora, podemos perceber que o alimento identifica o indivíduo e lhe atribui uma nacionalidade, ou seja, um pertencimento à determinada localidade por influência do que consome. E, mediante essas identificações, Stuart Hall (2023), em um de seus trabalhos, comenta sobre a identidade cultural em relação as formas de organização das nações antigas, salientando que essas identidades não são aquelas com as quais nascemos, mas as quais são formadas e transformadas no interior da representação. Isto é, para o autor, as identidades se modificam e o sujeito passa a ser caracterizado de maneiras diferentes, desde as relações que estabelece com a sociedade, interagindo com o meio que está inserido, e aquelas que são fragmentadas, ou seja, cada qual constrói sua caracterização em meio aos convívios sociais, independentemente de raça ou gênero.

Escolher estudar o gênero textual conto e suas complexidades exige muito mais do que uma definição, mas adentrar no universo da ficção e tentar compreender as múltiplas funções e particularidades que nos permitem analisar sua estrutura e significância em meio ao campo literário. Sobre uma de suas definições, o escritor Júlio Cortázar, em *Alguns aspectos do conto*, apresenta uma das características acerca desse gênero:

Em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada [...]. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes (Cortázar, 2006, p. 150-151).

A utilização do conto como estudo central dessa pesquisa traz uma enorme relevância para que se possa compreender a complexidade em que o campo literário está envolvido, e de que forma também pode contribuir para identificar diversos aspectos que permeiam em nosso convívio social. A ficção permite, que além de estudarmos a sua materialidade, possamos nos identificar em diversos processos, principalmente, os que dialogam sobre a convivência humana, o que é bastante recorrente neste estudo.

A finalidade do presente trabalho é estimular o leitor a conceber o pensamento de que a comida está interligada com diversas sociabilidades, seja no convívio familiar, como

também relacionado a emoções, relações sociais, e de que forma a literatura expõe esses atributos. Sobre a tematização da memória relacionada à alimentação, Tavares (2018, p. 7) afirma que o alimento pode significar, além da ingestão de nutrientes, o despertar de sentimentos, vivências ou memórias. E que um cheiro de um café quente, por exemplo, pode ser um pretexto para uma conversa, uma reunião entre pessoas por meio do convite para uma refeição, a qual pode trazer lembranças sobre os indivíduos presentes naquele espaço.

2 O BRASIL DOS ANOS 1960 E 1970

No Brasil, os anos de 1960 e 1970 foram reconhecidos como anos de mudanças, as quais proporcionaram transformações na estrutura da produção e da sociedade, nos comportamentos políticos e nas manifestações culturais. Lutava-se contra o regime da Ditadura Civil-Militar firmada em 1964, principalmente, contra a reforma educacional que limitava os níveis de formação. A informação era dominada pelo rádio e pela televisão que influenciou diretamente na transformação dos costumes sociais. Esses meios de comunicação se tornavam importantes pelo fato de influenciar a população em relação à moda, o culto ao corpo, a valorização dos padrões de beleza, favorecendo o individualismo e o consumismo.

O golpe militar ocorreu entre 31 de março e 9 de abril de 1964, o qual ocasionou a chamada Ditadura Civil-Militar, realizado contra o presidente João Goulart. Esses acontecimentos propiciaram mudanças na sociedade e na política, ocasionando censuras, repressões e sequestros realizados por agentes do governo brasileiro. Durante esse período, foram criados os atos institucionais, os quais eram utilizados pelos militares para darem legitimidade às violências e ilegalidades da ditadura. Segundo afirma Jordana Santos (2009), as manifestações culturais dos anos 60 e 70 refletiram o espírito de uma época de intensa contestação dos padrões sociais, das influências estrangeiras na cultura, na música, na literatura e no cinema.

Retomando as questões relacionadas à cultura nos anos 1960, o Cinema Novo também possui papel de destaque, o qual procurava uma independência para o filme brasileiro, traduzindo a realidade nacional. Com influência do cineasta Glauber Rocha, deu-se início atualizações culturais e políticas, com o intuito de questionar as duras realidades que viviam na época, partindo do contato com o público. Nessa época também se destacava a cultura pop, com uma diversidade de músicas que faziam sucesso, como o Jazz. A tendência da moda influenciava bastante, usavam-se roupas folgadas e coloridas, articulando-se com os estilos musicais em evidência.

Jordana Santos ainda menciona que, no Brasil, o início da década de 1970 foi marcado pela desarticulação política dos movimentos sociais e pelo fortalecimento da indústria cultural. Governada por Emílio Médici (1969-1974), é considerada a década do “milagre econômico”, dos slogans ufanistas (“Brasil: ame-o ou deixe-o!”). Em todo o mundo, nos anos 1970, a esquerda havia levado duros golpes que a prejudicaram profundamente; os slogans ufanistas, a campanha pela preservação da Amazônia, a exaltação com a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1970, eram todas tentativas de esconder o que se passava no país, econômica e socialmente.

Dessa forma, podemos entender que as décadas de 1960 e 1970, no Brasil, foram marcadas por conflitos, violência e, sobretudo, pela falta de democracia. Momentos em que a população tinha seus direitos negados e sofria repressão advinda do governo, que mais tarde, seria motivo para lutarem intensamente em forma de protestos por tudo aquilo que lhes fora negado e contestado durante as gestões governamentais.

2.1 Comida como símbolo de identidade cultural

Discorrer sobre identidade cultural no meio social é algo que reflete um conjunto de práticas e costumes que indivíduos compartilham entre si, fenômenos que caracterizam um povo, uma etnia, um grupo. É notório discutir que um determinado alimento pode fazer referência a um lugar, a diversas festividades, e estar incluso em diversas mesas e banquetes.

Na representação de toda a história da literatura, a exposição do alimento apresenta uma série de hábitos alimentares de determinados grupos sociais. Percebe-se, a partir dessas cenas, os lugares que se frequentam, com quem frequentam, o que consomem, e levando a percepção de qual classe social está sendo apresentada. Com relação aos contos estudados, percebemos, na narrativa a utilização de termos que remetem a uma alimentação típica de determinados lugares, como é mencionado em um trecho: “Não me esqueci dos queijos franceses que te prometi: nunca mais você me falará em queijos de Serro, se bem que, agora, me dá vontade de comer é queijo de Minas” (Drummond, 1975, p. 301.) Envolvendo dessa forma, gostos alimentares, espaço e identidade dentro das narrativas.

O fato de se pronunciar sobre identidade cultural é algo que possui raízes profundas, desde a antiguidade que cada grupo social construía suas vivências em meio a sua localidade, e a comida sempre fez parte dessa ambientação, até mesmo por questões de sobrevivência. Sobre esse fator identitário que a comida pode alcançar, Franco (2001) vem expor a concepção de que

os hábitos culinários de uma nação não decorrem somente do meio instinto de sobrevivência e da necessidade do homem de se alimentar. São expressões de sua história, geografia, clima, organização social e crenças religiosas. Assim, a exaltação de alguns pratos da culinária materna, ou do país de origem, mesmo quando medíocres, podem durar a vida inteira e a sua degustação gera, às vezes, associações mentais surpreendentes. Os hábitos alimentares têm raízes profundas na identidade social de indivíduos (Franco, 2001, p. 24).

A alimentação expressa, sobretudo, a identificação social, dessa forma caracterizando um conjunto de práticas culturais de um povo; além disso, como individualização de identidades grupais, observando o que o outro come, e o porquê do favoritismo sobre um determinado prato. O que nos leva a refletir sobre a preferência de um queijo de Serro, em detrimento de um queijo de Minas, como mencionado no trecho do conto, acarretando em uma peculiaridade alimentar em relação a determinadas regiões.

Segundo afirma Climent-Espino (2019, p. 50-51), “além de satisfazer uma necessidade biológica, a comida fornece informação sobre tradições de produção e rituais de consumo, e, portanto, sobre identidades pessoais e grupais.” Ou seja, revela aspectos desde o que se consome em cada cultura referindo-se por exemplo, aos grãos e cereais que são plantados e colhidos, há o preparo, e ritualmente, depois da colheita, vem a festa, comemorações e comilanças dos alimentos entre determinados grupos sociais, em seus respectivos locais de habitação. O momento da refeição, para muitas famílias, é considerado algo “sagrado”; entre determinados grupos, é símbolo de fartura, de comunhão e de diálogos entre indivíduos, almejando harmonias étnicas. A comida deve também ser considerada desde o seu preparo, desde os ingredientes que perpassam entre as mãos humanas, e de que forma eles contribuem para essa identidade grupal. Mediante essa explanação, argumenta Brillat-Savarin, em *A fisiologia do gosto*: “diz-me o que comes, eu te direi quem és” (1995, p. 21). Ou seja, determinados alimentos inseridos em nossas tradições culturais nos identificam, falam sobre nossa origem e nos situam em meio à sociedade, o que nos permite refletir sobre quem somos e de onde viemos. Reconhecemos quais traços alimentares refletem na cultura de determinadas comunidades, trazendo as suas subjetividades em meio a tantas outras raças.

Nessa mesma perspectiva, acentua-se que: “comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere” (DaMatta, 1986, p. 56). Como mencionado anteriormente, a comida não serve apenas como necessidade fisiológica, ela sempre tem algo a dizer sobre quem a consome, a qual classe social determinado indivíduo está inserido, de que forma ele se comporta, ou seja, qual o seu lugar e seu estilo de vida em meio a tantas sociabilidades distintas.

2.2 As relações estipuladas entre memória e comida

Encontramos, em nosso dia a dia, pratos alimentares que são característicos do nosso lugar, da nossa cultura, e caso façamos uma viagem para um local fora de nossas habitações, passamos a consumir o alimento do outro. Nessas transições nós reconhecemos através do gosto da comida, o nosso lugar e o do outro indivíduo, somente pela questão de saborear a nossa fonte de sobrevivência, o nosso alimento.

Tanto podemos relacionar o gosto de um alimento a um lugar como também podemos fazer referência a alguém. Ao degustar determinada comida, associamos aquele gosto às nossas mães, avós, tias, qualquer pessoa que possamos recordar em nossa memória, por quais mãos aquele alimento foi feito. Quando crianças vivenciamos muitas cenas que nos trazem boas e más recordações, e a alimentação, sem nenhuma dúvida, nos proporciona memorizar o que habita em nosso interior, enfatiza o ato carinhoso ou destrutivo das mãos que cozinham para a gente.

Como bem salienta Climent-Espino (2019, p. 55), “cozinhar e compartilhar comida evoca lembranças felizes do país de origem e cria um sentido de comunidade”. Percebe-se o quanto a alimentação possui o poder de aguçar a nossa mente, as nossas vivências e de perceber quem sempre esteve ao nosso redor, e que lugar essa pessoa ocupa em nossa memória, em nossas vidas. E essas lembranças que ficam guardadas em nossa memória tanto que se pode relembrar esses momentos felizes, como também, recordações pejorativas em relação a algo ou alguém, ou seja, alguns sabores também podem se tornar “amargos”.

A partir da interação que ocorre no lugar onde vivemos e do “alguém” com quem partilhamos nosso ciclo vital, nascem comportamentos e sentimentos ligados ao nosso eu. E a comida estabelece conexões entre todas essas menções afetivas, pois ela nos identifica, representa a nossa cultura, e permite que possamos partilhar da nossa culinária, esta encharcada de tantos sabores e recordações.

Dessa forma, subtende-se que a memória ocorre de maneira involuntária, pois é construída a partir dos estímulos advindos da comida, dos cheiros e gostos, e representa os constituintes que dela se alimentam. E, na mesma perspectiva, ela também é voluntária, por exemplo, quando os imigrantes saem do seu país de origem e se descolam para outro, eles sempre buscam formas de lembrar de onde vieram, da sua cultura, da sua identidade. E uma dessas maneiras é através da comida, que possui o poder de nos transportar para essas memórias do lugar o qual pertencemos. No momento em que preparamos uma comida e ela nos traz boas ou más recordações, essas memórias estão sendo voluntárias, e não se refere somente ao modo como preparamos o alimento, como também ao cheiro e ao gosto.

Um componente que é de extrema importância para o universo da alimentação é o caderno de receitas, e, nesse referido objeto, guarda-se muitas recordações, principalmente atreladas a alguém, tornando-se um exemplo de memória. O livro de receitas é visto por muitos somente como um manual, como um objeto que guarda o modo instrucional de uma determinada comida. Uma simples receita pode despertar em alguém lembranças de uma vida

inteira, e refletindo sobre essas proposições, Sabrina Sedlmayer, em um de seus trabalhos, ressalva que:

Sob o impacto da Segunda Guerra e a ocupação em terras francesas, temos também o relato de uma americana que se safou de escrever sua autobiografia ao sugerir trocá-la pela feitura de um livro de cozinha: Alice Toklas. Ela conseguiu convencer o editor ao, contundentemente, afirmar que livro de receitas é livro de memórias (Sedlmayer, 2014, p. 143).

O caso acima remete a um livro com tematização sobre a cozinha da referida Alice Toklas, que foi uma escritora norte-americana inserida em movimentos políticos do século XX. E o comentário de Sabrina Sedlmayer sobre essa perspectiva agrega sobre a importância desse acontecimento para a discussão entre comida e memória, e quais impactos essa tematização pode gerar perante os diversos contextos em que as pessoas estão inseridas, sejam eles pessoais, sociais e políticos.

Sedlmayer (2014, p. 143), ainda em seu artigo, discute que “hoje ao reler esse livro discreto, penso que talvez tenha sido um dos exemplos de escrita mais encharcados de memória e afeto que já se escreveu”. Dessa forma, podemos entender que caderno ou livro de receitas são ligados ao ambiente familiar, e neles não se guardam apenas as instruções de como produzir um alimento, mas neles se guarda culturas diferentes, experiências familiares e muitas lembranças de alguém, sejam com valores positivos ou negativos.

Nessa mesma perspectiva, Climent-Espino (2019, p. 56) afirma que “a partir de uma perspectiva científica, sabemos que o sabor e o cheiro da comida ativam a memória, faculdade mental através da qual o passado é lembrado”. Ou seja, a comida estabelece uma forte ligação com a nossa habilidade cognitiva, proporcionando que, ao degustar determinado alimento, possamos nos recordar de diversos momentos já vivenciados e de pessoas que fizeram parte desses ciclos de interação e convivência social.

No momento em que cozinhamos para uma pessoa, não estamos apenas suprimindo sua fome, mas também assumimos a condição de fazer algo direcionado a ela. Muitas das mães e avós tinham o cuidado em relação à alimentação, aquilo era algo de mais belo que elas tinham a nos oferecer e, muitas das vezes, realmente o que tinham a nos oferecer. Mediante essas condições, passamos a imitar gestos, a reproduzir determinadas memórias que possuímos no decorrer do tempo, e essa reprodução pode se desencadear em comidas com diferentes paladares, com gostos doces ou amargos.

As diversas culinárias existentes no mundo são ricas em diversidades de pratos, os quais carregam tantas histórias e culturas diferentes, cada uma com seus aromas e cores. Climent-Espino (2019, p. 66) afirma que “tradicionalmente, o conhecimento culinário passa de mãe a filhas e, nessa transmissão de conhecimento, os relacionamentos afetivos são desenvolvidos, alimentados até, através da preparação e consumo de alimentos”. Nesse contexto pode-se fazer uma alusão ao livro *É isto um homem?* em que o autor narra memórias vivenciadas por ele mesmo em um campo de concentração na Alemanha. Primo Levi que foi um químico e escritor italiano, escreveu memórias, contos, poemas e novelas. E no capítulo intitulado como “História de dez dias” podemos notar que ele narra memórias relacionadas à comida.

No referido capítulo, ele continua narrando sobre as condições que vivia durante a guerra, sobre o local que habitava e sobre como sobreviver em meio a tantos empecilhos, visto que muitos adoeciam, inclusive ele se encontrava doente. Nesses momentos de tensão, a cozinha se fazia presente, o momento da refeição era um dos momentos mais aguardados, para que eles se recuperassem, como no seguinte trecho: “Durante a noite da evacuação as cozinhas do Campo ainda funcionaram e na manhã seguinte foi feita a última distribuição de sopa na

enfermaria” (Levi, 1998, p. 158). E nesse momento que ele estava em convivência com um grupo de pessoas; havia alguém destinado a alimentá-los, preparando a comida, como função e como ato de cuidado: “Arthur havia se recuperado, mas desde então evitou se expor ao frio, encarregou-se da estufa, de cozinhar as batatas, de limpar o quarto e assistir os doentes” (Levi, 1998, p. 162). Percebe-se que a comida representa sobrevivência em meio a conflitos sociais e, sobretudo, a significância do preparo e que tipo de alimentos são servidos nesse tipo de ambientação.

É notório o quanto a maioria de nossas memórias estão atreladas à espacialização da cozinha e a quem produz em meio a esse espaço de convivência. Sustenta-se ainda mais esse pensamento por meio das palavras de Tavares (2018, p. 12): “Assim, o alimento pode ser interpretado pela forma que ele é feito ou mesmo consumido, ou seja, a comida pode ser produzida de modo que faça com que aquele que come, sinta sensações além da saciedade”.

Ao alimentar-se, o sujeito passa a ingerir outros elementos juntamente com a comida, o paladar e o cheiro são aguçados; conseqüentemente, muitas recordações podem surgir, levando-se em consideração as pessoas que produzem e para quem é destinada essa produção. Esses sentidos que são construídos carregam em si traços coletivos e individuais, pois compartilham experiências culinárias entre determinados grupos de pessoas, porém, muitas vivências se instauram no íntimo e na particularidade de um.

2.3 Um saber da mesa

É necessário abordar a importância da mesa em temas relacionados à alimentação, pois é um constituinte que abarca muita significação e que se vincula a muitas ocasiões de interação humana. Nas narrativas, os acontecimentos, na maioria das vezes, se realizam em volta da mesa. Em uma passagem do conto a “A estrutura da bolha de sabão” cujos personagens estão em uma conversa num bar, discorre-se sobre “a mesa pequena enfeitando copos e hálitos” (Telles, 2001, p. 326), ou seja, a mesa comporta todas as ações dos personagens. E em outra ocasião advinda da interação entre os indivíduos na narrativa, é mencionado “escorreu pelas nossas roupas, empapou a toalha da mesa, pingou gota a gota” (Telles, 2011, p. 326), o qual fala sobre um sentimento abstrato que permeava entre os dois, o ciúme, e a mesa exerce o papel de intermediária entre os acontecimentos que ocorrem naquele local.

Todas essas representações da mesa levam a situações de convivência entre os personagens, e todas as ocasiões que acontecem sob ela, caracterizam o espaço vivenciado, ativando, de certa forma, a sua memória. Desfazendo o pensamento de que cozinha somente é destinada a feitura de alimentos e afazeres domésticos, e a mesa o lugar onde se come e bebe, nota-se que vai muito além disso, como é discutido por Sabrina Sedlmayer:

Comenta-se e comemora-se ao redor da mesa. Reconhecemos os lugares, mesmo os dos ausentes. Evocamos a primeira ceia: Tiago, João, Mateus. Também lembramos que comemorar é memorizar em comunhão, em conjunto. É preciso fazer reunião para nos lembrarmos, refazer e repetir gestos (Sedlmayer, 2014, p. 150).

Sobre a mesa acontecem momentos de partilha, de conversas e, a partir disso, ocorre a ativação da memória; além de dialogarmos sobre o presente, também recordamos o passado. Da cozinha é de onde se exala o cheiro da nossa comida preferida, é o lugar que transforma, em que em meio a tantas vivências, rememoramos as relações com nossos familiares. A cozinha também representa um lugar de brigas, disputas inclusive à mesa, então deve-se compreender que, na mesma proporção em que ela acolhe, ela também oprime e aprisiona, traz afetuosas lembranças, mas também evoca várias angústias.

Montanari (1996, p. 109) expõe que a comensalidade, o ato de comer juntos seria uma forma de começar uma relação ou mantê-la, pois, ao mesmo tempo em que a alimentação satisfaz uma necessidade humana, ela é um fator fundamental na caracterização social. E a mesa representa a sociabilidade que as pessoas realizam em diversas ocasiões, sejam em um almoço simples do dia a dia, nas datas comemorativas ou em requintados banquetes. O autor relata que

[...] o banquete, expressão da comunidade, representa também as hierarquias e as relações de poder no seu interior. Essas relações de poder expressam-se pelo lugar que cada um ocupa na mesa, pelo critério de repartição dos alimentos, pelo tipo de alimentos servidos a cada conviva: é de fato, considerado normal servir pratos diferentes durante a mesma refeição, de acordo com a posição de cada um (Montanari, 1996, p. 110).

Os modos de sentar à mesa, o jeito de comer e o lugar que é reservado para determinada pessoa, define quem é o sujeito, principalmente quando faz a repartição individual do alimento, compreende-se que sobre a mesa também se distinguem posições e classes sociais. Nesses momentos de socializações e em outras ocasiões em que há comemorações, podemos perceber como a mesa é posta diferente do habitual, os pratos e talheres são dispostos de maneiras mais requintadas e a comida é mais caprichada, com cores, aromas e sabores diferenciados.

A mesa é um compartimento que se faz presente em comemorações, festas e diversas outras ocasiões, e em momentos em que não exatamente se comemora algo, pois está presente também na morte das pessoas, mais especificamente no momento do velório. Juliana Bonomo (2018) fala sobre a temática das comidas que são servidas em velórios, mais especificamente os que ela chegou a presenciar como memórias pessoais em cidades que habitou, e relata que as pessoas eram veladas em salas de visita e que na copa havia uma mesa com variados alimentos (bolos, biscoitos, broas), para alimentar quem acompanhava o velório durante a noite toda. Se o velório ocorresse pela tarde, era servido sobre a mesa um almoço que era feito para alimentar principalmente os familiares que vinham de fora. E assim, a mesa representa a comemoração, a comunhão entre pessoas, como também está presente na ausência delas.

2.4 Identidade cultural, memória e comida em contos contemporâneos

As tramas dos contos que serão analisados traduzem bem tudo o que já foi exposto até aqui; a tematização da comida representando espaço, identidade, memória, ou seja, representações de pessoas socializando com o outro em um determinado tempo e espaço. E, a partir de todas essas construções sociais, valoriza-se culturas diferentes, espaços diversificados e, principalmente, a grande relação entre comida e literatura.

O conto “A morte de D.J. em Paris”, de Roberto Drummond retrata o julgamento da suposta morte de um brasileiro conhecido como D.J. Esse texto volta-se para uma literatura pop, pode-se perceber pelo formato em que ele é escrito, com trechos de músicas espalhadas no decorrer da leitura. É dividido em atos que são justamente as falas das testemunhas que falam sobre o ocorrido. D.J. era fascinado por Paris, tinha como musa a mulher ideal/perfeita que ele designava como “mulher azul”, e há uma busca incessante por essa figura feminina, a qual nos faz notar a presença da fantasia. No decorrer do conto, são evidenciados muitos produtos alimentícios, sendo notório a necessidade de consumo; dessa forma podemos refletir que “a mulher azul” desejada pelo protagonista pode ser um produto de consumo daquela sociedade, sendo uma sociedade pós moderna. A trama é muito interligada à fantasia e ironia, o que leva ao leitor a duvidar de determinados acontecimentos, já que um dos réus a dar o

depoimento do crime era o próprio D.J. A comida presente no conto associa-se com diversas metáforas, e ao pensamento dos personagens, e, em muitas das cenas, sendo representada por meio da memória de um alimento que era feito por alguém, se apresentando também como formas culturais, já que o autor analisa com recorrência essa questão em suas obras.

Enuncia-se em seu contexto acontecimentos que envolvem relações familiares, principalmente envolvendo ocorrências de refeições, como é perceptível na seguinte passagem: “Você descia a escada para tomar o café. Sua irmã Maria Mariana ou Marimá, que jamais casou, fazia sonhos e os adoçava com açúcar para o café da manhã” (Drummond, 2011, p. 292). O autor expõe memórias da vida do personagem, por meio da ingestão de uma bebida, aguçando as lembranças que permeavam na mente do protagonista, como podemos perceber no trecho “e tomava leite de vaca pensando no leite de cabra que vendiam no Quartier Latin” (Drummond, 2001, p. 292). Essa condição de saborear um alimento relembrando de outro, que em algum momento fez parte de nossas vidas, reitera a condição de como a memória pode nos conduzir a diversas sensações por meio da comida.

É sabido que a comida é uma das formas de conhecer diversas culturas existentes, e que a partir disso podemos usufruir de diversas tradições, ou seja, das diversidades de culinárias. Nesse trecho expõe-se que “Osvaldo, se quero receber feijão, linguiça, couve mineira, torresmo e tudo mais pra fazer uma feijoada bem brasileira” (Drummond, 1975, p. 300). O personagem se refere a alimentos que são típicos de determinado lugar, como a cidade de Minas, que possui em sua culinária alimentos como feijão tropeiro, queijo, a linguiça que é preparada com temperos tradicionais que acentuam o seu sabor e outras diversidades. Os ingredientes que são citados apresentam uma simbologia, refletem a tradicionalidade de uma comida, como também direciona a memória para determinado lugar.

Muitas das cenas no conto do autor Roberto Drummond sempre levam o “eu” às ruas, aos bares e restaurantes, como também a espaços que contemplam comida e interação: “Íamos comer cuscuz num restaurante na rua de Fer, um cuscuz tão gostoso que nos fazia pensar no Brasil” (Drummond, 2001, p. 303). Esses locais presentes na narrativa, caracteriza o espaço onde ocorre diversas vivências, sejam pessoais ou profissionais, e as pessoas, enquanto comem, bebem, comemoram, trocam experiências, relatam acontecimentos, sociabilizam a memória em meio às diversas interações.

Durante a narrativa são expostas recordações de uma vida, de um lugar e de pessoas que fazem parte desse ciclo por meio da comida, quando se menciona: “Aquilo de vocês se encontrarem num cemitério na hora do almoço, comendo peras argentinas e queijo Polenginho, como dois Romeu e Julieta destes novos tempos clandestinos, é inesquecível: é bonito toda a vida” (Drummond, 2001 p. 301). A partir da menção à comida, faz-se o resgate de acontecimentos que marcaram a narrativa fazendo o contraste com a nossa realidade, mencionando tradições que podem ser contínuas dentro de determinadas culturas.

2.5 Metáfora alimentar e estímulo da memória

O segundo conto a que se destina essa análise é “A estrutura da bolha de sabão” de Lygia Fagundes Telles publicado em 1978. Narra o reencontro de dois amores antigos, uma mulher e um físico que estuda a estrutura da bolha de sabão, o que se assemelha com algumas temáticas trabalhadas pela autora, sobre conflitos internos e sentimentos. O reencontro acontece num bar, no qual o físico está acompanhado pela atual esposa, ele e a ex namorada conversam em códigos, rememorando o relacionamento de outrora. No segundo encontro, a narradora-personagem descobre por meio de um informante (homem) que o físico está doente em fase terminal. Então, ela vai à casa dele e é recebida pela esposa e, ao entrar no quarto, sente que está faltando algo, e esse algo é a presença de vida do homem, que está morrendo.

A referência às bolhas de sabão parece ser um atalho para a narradora retratar a atividade de estudo do físico, como também para vivenciar sua infância, esta que ela ocupava com brincadeiras com talos de mamoeiros, canecas e bolhas de sabão. A comida é expressa no conto como forma de metáfora, relacionada a pensamentos e sentimentos dos personagens, e o ciúmes como foco central, visto que se encontra amores antigos.

Nesse conto, há muitas cenas que levam o sujeito às ruas, sempre contemplando os bares, e nesses cenários acontecem diálogos entre os personagens, podendo ser inclusive, um encontro de casal, proporcionando relações afetivas, “estávamos num bar e seus olhos de egípcia se retraíam apertados” (Telles, 2001, p. 326). A cena exposta evidencia o momento em que o personagem se encontra lado a lado com sua esposa e a amante, e podemos visualizar os ciúmes em que sua companheira transmite, ou seja, o seu incômodo é nítido em todo o momento. Em outra cena, discorre-se

Convindaram-me e sentei, os joelhos de ambos encostados nos meus, a mesa pequena enfeixando copos e hálitos. Me refugiei nos cubos de gelo amontoados no fundo do copo, ele podia estudar a estrutura do gelo, não era mais fácil? Mas ela queria fazer perguntas (Telles, 2001, p. 326).

A cena exposta vai além do sentido da mesa, do que acontece sob ela enfatiza o que realmente aquele ambiente pode representar perante os personagens, pois um simples convite para um jantar pode instigar as diversas memórias relacionadas aos indivíduos. E, de certa forma, a comida muitas vezes acaba sendo um pretexto para uma conversa, e também um lugar de abrigo em determinadas situações. O personagem encontra, no líquido que está no fundo do copo, uma forma de segurança, tenta se refugiar de uma situação que poderia estar lhe causando alguma frustração ou timidez, já que se encontra é uma situação delicada, perante seus dois amores. Adentra-se à questão do que levam as pessoas a determinados espaços de convivência, e de como sociabilizam tantos momentos em que muitas vezes não estamos nem preparados para vivenciá-los.

A mesa possui uma grande importância em relação ao universo da alimentação, e com a leitura dos contos, e mais precisamente nessa narrativa de Lygia Fagundes Telles, percebe-se que ela está presente em diversos contextos sejam sociais, culturais, políticos e religiosos, em espaços que retratem a comensalidade. Michel Maffesoli (2002) defende a mesa como lugar de comunicação, propondo que os ritos da refeição são paradigmas de toda ritualização social. A mesa é símbolo de partilha e estabelecimento de laços familiares, e desde a antiguidade grega que ela constrói essas relações de interação social:

Homero, por exemplo, dá testemunho sobre o valor simbólico do banquete grego em termos políticos, sociais e culturais. Platão, nas Leis, atribui ao banquete um papel importante como parte da educação de qualquer cidadão. Para os atenienses, era um modo de controlar o prazer, pois à mesa o homem estaria a meio caminho entre dois extremos, a razão e o delírio. Encorajado por esses textos, o banquete passou a representar um ideal filosófico da Renascença, o equilíbrio entre opostos (Strong, 2004, p. 136).

E, por última investigação, percebe-se a presença da metáfora alimentar representando o ciúme da esposa perante o personagem, “estávamos num bar e seus olhos de egípcia se retraíam apertados. A fumaça, pensei. Aumentavam e diminuía até que se reduziram a dois riscos de lápis-lazúli e assim ficaram” (Telles, 2001, p. 326). Em que ela sinaliza de que aquela situação está desconfortável, ocorrendo justamente nesse contexto do convite para um jantar, da hospitalidade de um indivíduo perante o outro, e o acontecimento gira em torno da comida, da mesa, da prática, da interação social. Ou seja, o lugar em que os

personagens da presente narrativa estavam inseridos, um bar, não satisfazem somente a sua fome, mas os contentam coletivamente em meio a uma comunidade, através dos diálogos produzidos e do ambiente onde ocorre essa comunicação.

2.6 A família na cena alimentar

O último conto a ser analisado é “Feliz aniversário” de Clarice Lispector, publicado originalmente em 1960, no livro “Laços de Família”. Narra a comemoração do aniversário de Anita, a matriarca de uma grande família carioca, que completa oitenta e nove anos. Os parentes se fazem presentes principalmente por questões sociais e não pelo afeto; a reunião familiar, assim, começa a se mostrar permeada de situações de hipocrisia devido à rixa entre irmãos e não um evento alegre, como poderíamos imaginar. Desse modo, em vários trechos encontramos críticas sociais de forma quase sutil. É o caso, por exemplo, da personagem Zilda, que é a única filha mulher, entre seis irmãos homens, por isso acabou recebendo a responsabilidade de cuidar da mãe. Com isso, Clarice retrata um machismo imprimido na nossa sociedade em que perpassa a ideia de que cabe à mulher a obrigação de cuidar, característica muito marcante em suas obras.

O título do conto “Feliz aniversário” sugere a leitura irônica do livro “Laços de família” que, na visão do enunciador, se tornam fragilizados, pois a confraternização familiar não acontece verdadeiramente. Os laços existem e podem estar rompidos também. Pode-se notar o tema da alimentação ser muito frequente nesse conto, até mesmo por se tratar de um aniversário, ligado a festa, comemoração e socialização humana. Outro ponto observado é a presença da gula; os personagens, muitas das vezes, não consomem as guloseimas da festa por fome, mas sim por vontade de consumir a diversidade de alimentos de uma única vez. Acontecem demonstrações de afeto, uma vez que em aniversários é comum a aniversariante endereçar o primeiro pedaço do bolo a alguém; dona Zilda teria que fazer essa escolha, mesmo que o sentimento dos filhos não fosse recíproco.

A história é uma narrativa que se volta para o contexto de escrita da autora, envolvendo questões familiares e sociais. Clarice Lispector costuma retratar bastante o papel da mulher na sociedade, o seu cotidiano familiar, opressões sociais, aparentemente banais, mas que ganham dimensões muito profundas por intermédio de descrições psicológicas, e nesse conto de certa forma, ocorre um desacolhimento familiar em relação a personagem principal da trama. Pois os filhos utilizam-se sempre do termo “Até ano que vem, mamãe!”, sendo irônicos ao ponto de

Primeiramente, podemos notar a tradição que existe em arrumar a mesa para datas comemorativas, há sempre uma maneira diferente do habitual, os pratos e talheres são diferentes, como também as refeições passam a ser mais caprichadas e decorativas, sendo um espaço bastante importante quando se discute sobre comida, onde acontecem diversas vivências, além do comer e do beber, como no seguinte trecho: “Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sugados pelo teto; em alguns estava escrito ‘Happy Birthday!’ em outros ‘Feliz Aniversário’” (Lispector, 2001, p. 240).

Podemos visualizar na narrativa que os convivas se sentem a principal atração da festa sem se importar em comemorar o que mais importa, a vida da aniversariante. Com isso, passam a degustar todos os alimentos como uma espécie de sarcasmo evidenciando a gula como uma das características marcantes na trama.

Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como uma

prova de animação que por apetite, brincando de todos de que todos estavam com fome (Lispector, 2001, p. 241).

O autor Quellier (2015) aponta que a gula não seria somente um pecado de cunho religioso, mas os excessos à mesa tornaram-se um problema pedagógico. Ou seja, é necessário ensinar os indivíduos a se comportarem, atentar para seus gestos e controlar seus instintos na hora da refeição, refletindo uma postura de boas maneiras e educação.

Na narrativa também acontecem demonstrações de afeto por meio da comida, uma vez que em aniversários é comum a partilha do bolo ser realizada pela aniversariante e se endereçar o primeiro pedaço do bolo a alguém, a partir dessa escolha podemos remeter o endereçamento a alguém especial, seja dentro do núcleo familiar ou pessoas que representam uma boa afetividade. Em um dos trechos do conto diz:

Parta o bolo, vovó! Disse a mãe dos quatro filhos, é ela quem deve partir! Assegurou incerta a todos, com ar íntimo e intrigante, e como todos aprovassem satisfeitos e curiosos, ela se tornou de repente impetuosa: parta o bolo, vovó!” (Lispector, 1960, p. 242).

Percebemos nesse trecho o quanto a comida representa sentimentos que não são recíprocos, e a falsidade é um deles que se encontra presente nas entrelinhas da narrativa, visto que os filhos da personagem estão presentes somente pela comida e não por se importar com ela. Até em um dia muito importante como a comemoração de um aniversário, demonstram-se impetuosos, sem gestos de carinho e acolhimento. Dessa forma, a comida expressa a metáfora do descaso, como ocorre em diversas realidades em nossa sociedade, em que ouvimos de muitas pessoas a seguinte frase “se tem comida eu vou”, e o “se importar” fica em segundo plano.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados e observados até aqui, os quais tematizam sobre a relação da comida com identidade cultural e memória, ocasiona-se uma grande relevância para os estudos literários e para o convívio social de cada indivíduo que se insere nesse processo de novas descobertas. Este estudo nos reafirma a importância do termo comida em relação às narrativas da literatura, uma vez que nos identifica, passamos a nos recordar e a construir e reconstruir laços. Com as abordagens teóricas de autores como Brillat-Savarin, Sabrina Sedlmayer, Rafael Climent-Espino, entre outros que relatam sobre o tema da alimentação, e a partir da leitura dos contos expostos, percebe-se a grande relação existente entre essas duas grandes vertentes que permeiam em meio ao social, designados de alimento e comida.

A relação que a comida exerce sobre a literatura, se instaura em diversos âmbitos e conceitos sociais. Os contos, juntamente com a abordagem teórica, nos levam à reflexão que a comida nos identifica, nos posiciona ao nosso lugar, quem somos e de onde viemos, o que carregamos da nossa origem através da nossa culinária. A partir da leitura do conto de Roberto Drummond, podemos notar com quem mantemos relações de acolhimento e de aprisionamento por meio da alimentação, e de quem ou de onde lembramos ao sentir o olfato aguçado com o cheiro de uma comida. Revelando os diversos espaços, diversas culturas, classes sociais, o que gira em torno da mesa, dos espaços domésticos, e principalmente a interação das pessoas em meio a todas essas vivências em torno da cozinha e dos ambientes que a ela se relacionam. A comida não se manifesta somente pela noção de saciar uma fome, mas atrelada ao surgimento

de novas sensações, de relações que constroem, e ao mesmo tempo desconstroem laços sociais, como é perceptível visualizar no conto de Clarice Lispector.

Desse modo, compreende-se que o contexto social no qual a comida está inserida vai além de uma materialidade de produção e de uma necessidade humana. A relação que é estabelecida com a literatura agrega com o fato de que o alimento pertence a uma grande representação cultural, memorável e um grande sinônimo de poder. Desde os primórdios, envolve contextos de disputas, fomes e também a gula, pois o alimento, da mesma forma que significa a fartura, envolve a voracidade dos grandes banquetes. A comida enquanto identidade vem reafirmar a nossa posição dentro da sociedade, carregamos por meio da nossa culinária, símbolo cultural. Em nossos pensamentos, carregamos as recordações de como a comida passar a nos afetar, sejam elas interligadas a um cheiro e um gosto pode nos remeter a lembranças felizes, ou a situações que nos levam a externalizações de descontentamento.

REFERÊNCIAS

BONOMO, Juliana Resende. Alimentando o luto: uma pesquisa sobre as comidas servidas nos velórios de Entre Rios de Minas e Belo Horizonte. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, v. 3, n. 6, p. 442-457, 2018.

BORGES, Ana Marta de Brito. Comensalidade: a mesa como espaço de comunicação e hospitalidade. In: *XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2010.

BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CLIMENT-ESPINO, Rafael. Miragens do Japão: comida e isogastia em *Nihonjin*, de Oscar Nakasato. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 49-74, 2019. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/14014/0 Acesso em: 4 abr. 2023.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-163.

DE SOUZA SANTOS, Jordana. O papel dos movimentos sócio- culturais nos “anos de chumbo”. *Baleia na rede*, v. 1, n. 6, p. 493-505. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/baleianarede/article/view/1470>. Acesso em: 2 set. 2023.

DRUMMOND, Roberto. A morte de D.J em Paris. In: MORICONI, Italo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 290-309.

GUND, Ivana Teixeira Figueiredo. Sobre aquilo que não nos deixa: memória, afetos e gosto em Rachel de Queiroz. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 28, p. 147-161, 2019. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/14553. Acesso em: 20 maio 2023.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2023.

KASPAR, Katerina Blasques. Gastronomia e literatura na formação da identidade nacional. *Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 2-10, mar. 2016. Disponível em: http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2016/03/76_CA_artigo_revisado.pdf. Acesso em: 7 set. 2023.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. Feliz aniversário. In: MORICONI, Italo (org). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: objetiva, 2001.

QUELLIER, Florent. O pecado da gula. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v. 25, n. 3, p. 1033-1039, 2015.

RODRIGUES, Heloisa de Almeida Fernandes. Alimentação como fonte de sociabilidade e de hospitalidade. *Revista sinais*, n. 12, 2012.

SEDLMAYER, Sabrina. Comer o passado como pão de fome: relações entre comida e literatura. *Abril*, Niterói, v. 6, n. 12, p. 141-152, abr. 2014.

TAVARES, A. *Comida afetiva: uma expressão de gosto, hospitalidade e memória*. 106 f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. A estrutura da bolha de sabão. In: MORICONI, Italo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 325-329.